

O PARMÊNIDES ALEGÓRICO DE SEXTO EMPÍRICO

THE ALLEGORICAL PARMENIDES OF SEXTUS EMPIRICUS

BRUNO FERNANDES SANTOS¹

<https://orcid.org/0009-0005-1961-3223>

RESUMO: O principal objetivo deste artigo é analisar a interpretação dada por Sexto Empírico aos versos iniciais do próêmio do Poema de Parmênides. Desde a Antiguidade, uma leitura que hierarquiza os saberes dispostos em sua poesia, colocando de um lado a verdade e o ente e, de outro, as opiniões dos mortais, é predominante entre os especialistas. Em Sexto Empírico, essa forma de interpretá-lo ganha forças, uma vez que o cético afirma que o Eleata teria aberto mão dos sentidos em nome da razão, invalidando, assim, as opiniões em nome da verdade. Ver-se-á ao longo deste texto que essa afirmação pode ser considerada insatisfatória e que Parmênides, ao contrário do que a maioria dos especialistas postula, elaborou um conceito de verdade superior, sim, às opiniões do ponto de vista estrito da efetivação de um conhecimento perfeito, mas não necessariamente da perspectiva de nossa mundana relação de conhecimento para com as coisas ao nosso redor. Por conseguinte, verdade e opiniões, embora distintas, não deveriam ser hierarquizadas do modo como o faz Sexto Empírico, mas sim compreendidas de um ponto de vista que realçasse a sua diferença, tanto sublinhando a relevância da verdade, como chamando atenção, também, para a indispensabilidade das opiniões.

PALAVRAS-CHAVE: Verdade; Opiniões; Sexto Empírico; Parmênides.

ABSTRACT: The main goal of this article is to analyse Sextus Empiricus interpretation of the initial verses of Parmenides' proem. Since Antiquity, a reading that hierarchises the knowledge arranged in his poetry, placing truth and being on one side, and the opinions of mortals on the other, has been predominant among specialists. In Sextus Empiricus, this way of interpreting him gains strength, since the sceptic states that the Eleatic would have given up the senses in the name of reason, thus invalidating opinions in the name of truth. It will be seen throughout this text that this statement can be considered unsatisfactory and that Parmenides, contrary to what most experts postulate, elaborated a concept of truth that is superior, yes, to opinions from the strict perspective of perfect knowledge achievement, but not necessarily from the perspective of our mundane knowledge's relationship to the things around us. Therefore, truth and opinions, although distinct, should not be hierarchised in the way Sextus Empiricus does, but rather understood from a point of view that underlines their difference, both highlighting the relevance of truth and also drawing attention to the indispensability of opinions.

KEYWORDS: Truth; Opinions; Sextus Empiricus; Parmenides.

Introdução

Parmênides de Eleia (544-541 a. C.) é um autor que nos chegou de forma precária, fragmentada, mas que resistiu aos escombros do tempo através das muitas questões que

¹ Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense (PFI-UFF). Bolsista da CAPES. Contato: fernandes_bruno@id.uff.br. Link do currículo: <https://lattes.cnpq.br/5109659533833095>.

continuam a nos mover intelectual e afetivamente, e principalmente a partir dos doxógrafos que coligiram, em suas obras, várias citações que hoje compõem o *corpus* parmenídeo. Tudo que sabemos sobre ele está circunscrito a esses testemunhos e às citações feitas por autores tardios ao aparecimento do seu *Poema*, sendo o último de seus “copistas” o neoplatônico Simplício. E o que é citado não é completo, pois quem cita não tem a preocupação de preservar a integridade do texto, citando apenas o que lhe interessa naquele momento. Diante dessa escassez de fontes, talvez jamais saibamos ao certo o que pensou Parmênides, por termos que lidar com fragmentos sobre os quais não podemos nem mesmo dizer qual seria a ordenação correta, com a exceção dos 30 versos iniciais de B1 DK, o fragmento referente ao proêmio, graças a uma notícia, também tardia, do cético Sexto Empírico.

De um modo geral, o texto dos filósofos pré-socráticos se perdeu, por um lado, em razão da falta de papiros disponíveis à época², e por outro, por não terem despertado tanto o interesse dos copistas. Modernamente, em uma de suas obras de juventude, Nietzsche volta seus olhos à Grécia Antiga, dedicando algumas de suas páginas àqueles que ele chama de pré-platônicos, e lamenta a escassez de fontes que limita o nosso acesso ao texto integral desses pensadores:

É uma grande desgraça que tenhamos conservado tão pouco destes primeiros mestres da filosofia e que só nos tenham chegado fragmentos. Por causa desta perda, aplicamos-lhes, involuntariamente, medidas erradas e somos injustos com os Antigos, em virtude do facto puramente casual de nunca terem faltado nem admiradores nem copiadores a Platão e a Aristóteles.³

Ao longo deste artigo, ver-se-á que um dos principais problemas na recepção de Parmênides talvez seja o da imposição que alguns copistas fizeram ao seu *Poema*, imprimindo sobre ele interpretações que, em determinados aspectos, não parecem encontrar respaldo textual naquilo que dele nos restou. Sexto Empírico, por exemplo, interpreta as éguas que levam o iniciado em direção ao conhecimento como se elas representassem um impulso irracional do jovem iniciado⁴. Além disso, ele atribui ao texto uma dicotomia que servirá para desvalorizar os conteúdos inerentes às opiniões, ao passo que a verdade, por ser ingênita (*agénēton*), intrépida (*anōletrón*), única (*oulomelēs*), e inviolável (*ásylon*), será exaltada por ser o principal meio de adquirirmos um aprendizado seguro acerca de tudo que há.

O protagonismo que o termo verdade possui no *Poema* de Parmênides continua a ser inquestionável, mas é necessário nos perguntarmos se essa mesma verdade seria uma cláusula

² A respeito dessa escassez e do trágico destino da maior parte dos textos dos filósofos pré-socráticos, ver, também: Costa, 2002, p. 165-166.

³ Nietzsche, 1987, p. 24.

⁴ *Against the logicians*, 112. 1-4.

pétrea, cujos predicados privativos que a compõem (B8, 1-49) inviabilizariam a própria existência das opiniões e a validade dos sentidos nos demais versos que dão forma à poesia parmenídea.

A verdade, embora seja considerada pela maioria dos intérpretes como o mais relevante dos adventos do Poema, será, e isso ficará mais claro ao longo deste texto, uma exclusividade do pensamento noético e só poderá ser vista e apreendida mediante um longo processo de iniciação. Neste diapasão, seguindo aqui os passos dados por Shaul Tor, é válido inverter a pergunta feita pela maioria de nossos predecessores ao se depararem com a última seção de sua poesia: não se trata mais de saber por que Parmênides escreveu sobre as opiniões, mas como ele pôde, enquanto um mortal que habita o mundo e discursa de modo opinativo, redigir o texto que compreende a verdade e o ente, pois os versos dispostos nessa seção intermediária contradizem o nosso modo de pensar habitual, as nossas opiniões, e o devir que tão bem descreve o mundo e o ordena:

Como pode o mortal chegar a reconhecer, entender e contemplar a argumentação e os princípios da Alêtheia e, assim, a homogeneidade do que-é, se Parmênides afirma que esse tipo de entendimento só é possível à mente divina, mas não a dos mortais? Como a Deusa pode revelar à mente dos mortais algo que o seu pensamento não pode reconhecer? (Tor, 2017, p. 224).⁵

Nossa pergunta, então, é justamente esta: como o mortal pode adquirir o conhecimento da verdade, se a sua forma de pensar é humanamente limitada e determinada pelas próprias misturas que condicionam o seu pensamento? Daí a necessidade de ele ser iniciado, de ele ter uma Divindade que o guie. Resumidamente, o que Tor argumenta é que a estrutura própria do nosso pensamento não foi idealizada para pensar a unidade e imobilidade da verdade, mas para pensar o que é humanamente cabível: os contrastes existentes em cada uma das coisas humanas, contrastes esses que só podem ser compreendidos e nomeados através das opiniões⁶. Ou seja, as opiniões são inevitáveis porque estão na base das nossas estruturas mentais; ou pensamos, sem que haja para isso um esforço e uma determinada disciplina⁷, o uno e a imobilidade do ente parmenídeo? Faz todo sentido perguntar como Parmênides escreveu a parte da verdade, sendo ele também um mortal condenado a essa estrutura de pensamento que opera mediante os

⁵ How can the mortal even come to recognise, understand and contemplate the argumentation and tenets of Alêtheia and, thereby, the homogeneous what-is, if Parmenides maintains that such understanding is possible for the divine but not for the mortal mind? How can the goddess reveal to the mortal's mind something which the mortal mind cannot cognise?

⁶ B9, 1-4 dá um bom panorama de como essas misturas ocorrem e se apresentam na maneira pela qual os mortais nomeiam o *kósmos*.

⁷ Disciplina dos órgãos sensoriais orientada pela Divindade em B7, 3-5.

contrastes inevitáveis à vida humana. É menos importante, portanto, responder por que motivos ele escreveu sobre as opiniões, e mais essencial nos perguntarmos como e de que modo ele foi capaz de contradizer o modo de pensar que o determina enquanto ser humano para que ele pudesse escrever acerca da verdade.

É por esse motivo que a verdade parmenídea não poderá tocar o mundo, pois a sua estrutura, que é tanto perfeita como integral, não é compatível com a instabilidade, carência de confiabilidade verdadeira e falta de plenitude que predominam no *kósmos*. Ela, para o Eleata, não seria mais valiosa que as opiniões por assegurar um aprendizado acerca das coisas, pois estas não podem ser apreendidas pela função que ela ocupa no *Poema*. Que tipo de saber a verdade em sua poesia garantiria e a respeito do que ela versaria, então? Ela discorrerá livremente, desde que não trate do mundo e esteja presa ao limites lógico-abstratos previstos e dispostos pelos predicados do ente, acerca de um saber, ou um conhecimento, autorreferencial, preso por *ananké*, a necessidade, àquilo que garante alguma segurança e estabilidade a despeito de todo o frenesi mundano: a própria verdade. Ela, portanto, ensinaria sobre si mesma e poderia apenas falar sobre si.⁸

Sem que se reconheça o significado específico que a *alétheia* parmenídea possui, de que assunto ela trata ao longo do *Poema*, e qual a diferença dela para as opiniões humanas, não iremos sair do lugar. Assim, resta como tarefa compreender a excepcionalidade da verdade e o caráter ordinário das *βροτῶν δόξας* (*brotón dóxas*), que só confirmam o problema de interpretar o *Poema* de Parmênides do modo como faz Sexto Empírico, que afirma que o Eleata teria aberto mão dos sentidos em nome da verdade e da razão.

Por conseguinte, este trabalho pretende analisar de que maneira a interpretação que Sexto Empírico fez do *Poema* de Parmênides, em seu *Contra os Lógicos*, ensejou uma abordagem embevecida de uma determinada acepção de metafísica, que compreende a realidade segundo as dicotomias verdade e mentira, essência e aparência, valorizando aquilo que é essencialmente verdadeiro em detrimento dos conteúdos das opiniões, consideradas por ele como falsos. Para tanto, far-se-á necessário, antes de tudo, (i) fazer uma breve exposição a respeito do problema da recepção do *Poema* de Parmênides; e (ii) investigar, à luz de Sexto Empírico, os problemas legados pelo seu modo de interpretar o texto parmenídeo.

⁸ Ao longo deste parágrafo faço ecoar as reflexões dispostas na tese de doutorado de Alexandre Costa (2010).

1 Breves considerações acerca da recepção do Poema de Parmênides

Como já dito, é consenso entre os estudiosos de filosofia antiga que os textos com os quais lidamos nos foram legados de forma indireta, através das mãos e penas de muitos autores tardios. Exemplo disso é o Poema de Parmênides. Seus fragmentos, ou citações, chegaram a nós graças aos esforços desses copistas, que se deram ao trabalho de conservá-los. Todavia, as cópias dos textos antigos feitas no período helenístico (III-II a. C.), o que inclui possivelmente a poesia parmenídea e também outros livros, não se viram livres dos falsificadores, que se empenharam em criar versões adornadas, belas de se ver, mas não necessariamente fidedignas, para vendê-las a preços exorbitantes.⁹ Em meio a tudo isso, o texto do Eleata foi preservado e hoje temos acesso aos seus 19 fragmentos, sobre os quais podemos nos debruçar e imaginar, lendo o que dele nos restou, como e por quais motivos ele sobreviveu.

Apesar de o advento das falsificações de textos ter se tornado um hábito nesse período, houve, por outro lado, um esforço muito grande de conservação dos ditos originais e, para tanto, especialistas foram formados e se tornaram capazes de dirimir, na Antiguidade, entre um texto verdadeiro e um falso, ou espúrio. Esse é um dos motivos que nos permite ter acesso a uma cópia atravessada por todas essas mãos – de escribas, filólogos, filósofos e doxógrafos – que podemos chamar de “original”, ainda que essa originalidade esteja longe de ser a do próprio texto de Parmênides, na medida em que o seu *Poema* se perdeu de forma irrecuperável.

Nesse sentido, o autor que este artigo pretende investigar é considerado um dos testemunhos mais importantes por ter preservado os 30 versos iniciais de B1 do *Poema* de Parmênides, sendo inclusive revisitado em tempos mais recentes por aqueles especialistas interessados em reordenar o texto parmenídeo.¹⁰ É interessante observar que ele é o primeiro autor a citar o que hoje conhecemos como próêmio, e além de fornecer esses versos, ele também nos oferece uma interpretação, de teor alegórico, mas de um valor histórico inestimável, por ser a primeira das recepções comentadas ao próêmio do Eleata a que temos acesso.

O próêmio de acordo com Sexto Empírico

Segundo Sexto Empírico, as éguas que puxam o carro, no começo do *Poema* parmenídeo, seriam o reflexo do impulso irracional do viajante (τὰς ἀλόγους ψυχῆς ὁρμάς τε καὶ ὀρέξειν)¹¹, e os estágios finais dessa viagem que lhe encaminham à Deusa inominada revelam a ele que o mais adequado para se chegar ao conhecimento verdadeiro é abandonar os

⁹ Sobre o advento das falsificações e do crescente comércio editorial na Antiguidade, cf. Rossetti, 2006, p. 50-51.

¹⁰ Kurfess, 2012, p. 4-5.

¹¹ *Against the logicians*, 112. 1-4.

sentidos em nome da razão.¹² Sexto Empírico afirma, a seguir, que Parmênides teria abandonado a razão opinativa e os sentidos por eles não serem um bom parâmetro para o estabelecimento de um conhecimento verdadeiro:

But his friend **Parmenides rejected the opinionative reason** – I mean that which has weak conceptions, – and assumed as criterion the cognitive – that is, the inerrant – reason, as **he also gave up belief in the senses**.¹³

Ao interpretar o proêmio deste modo, Sexto Empírico reforça o estigma que nos leva, em muitas ocasiões, a menosprezar os sentidos em nome da razão, e as opiniões em nome da verdade, de modo a fazer do ordenamento cósmico que nos restou do Poema de Parmênides, preservado nos fragmentos dispostos na última seção da edição padrão, um apêndice de conteúdos de relevância questionável, por eles serem descritos através do discurso emitido pela Deusa inominada como equivocados/enganosos: δόξας βροτεῖας/μάνθανε κόσμον ἐμὸν ἀπατηλὸν ἀκούων.¹⁴

Após citar os 30 versos inaugurais do *Poema* do Eleata, Sexto Empírico irá atribuir a eles uma interpretação de caráter alegórico, tornando as figuras divinas responsáveis pela jornada de iniciação do neófito em metáforas que visam a demonstrar a superação dos sentidos e da obscuridade, em nome da verdade, da luminosidade e da razão. Esse modo de interpretar as figuras religiosas que permeiam o texto parmenídeo é decisivo para definir, de antemão, quais seriam os conteúdos indispensáveis ao conhecimento, e aqueles que dispensariam a atenção do aprendiz.

Contudo, é importante reconhecer que o proêmio tem um papel transformador e persuasivo no *Poema*, não sendo apenas uma alegoria utilizada para fins outros que não aquele de fazer com que o jovem iniciado adquira reconhecimento das figuras divinas que o acompanham ao longo de sua jornada, adquirindo, assim, uma nova perspectiva a respeito da realidade. A poesia parmenídea tem uma preocupação real com a formação intelectual de quem é iniciado, e também com a de quem acompanha, na posição de leitor, esse percurso iniciático. Neste ensejo, ao lermos seu texto, somos persuadidos pelas figuras míticas ali presentes a

¹² “And at the end he explains further the necessity of not paying attention to the senses but to reason” (*Against the logicians*, 114. 6-7). No original: καὶ ἐπὶ τέλει προσδιασαφεῖ τὸ μὴ δεῖν ταῖς αἰσθήσεσιν προσέχειν ἀλλὰ τῷ λόγῳ. Tradução do grego de minha autoria: “E ao fim ele explica melhor que não se deve prender a atenção às sensações, mas à razão”.

¹³ Ὁ δὲ γνώριμος αὐτοῦ Παρμενίδης τοῦ μὲν δόξαστοῦ λόγου¹³ κατέγνω, φημί δὲ τοῦ ἀσθενεῖς ἔχοντος ὑπολήψεις, τὸν δ’ ἐπιστημονικόν, τοῦτέστι τὸν ἀδιάπτωτον, ὑπέθετο κριτήριον, ἀποστὰς καὶ τῆς τῶν αἰσθήσεων πίστεως (*Against the logicians*, 111. 1-5). Tradução de R. G. Bury.

¹⁴ “Opiniões dos mortais a partir daqui/aprende, ouvindo o cosmo **enganoso** de minhas épicas palavras”. Essa e as demais traduções do Poema de Parmênides são do filósofo Alexandre Costa, professor adjunto do Departamento de Filosofia da UFF.

adentrar naquele universo ora verdadeiro, ora cosmológico e opinativo, de modo a adquirirmos novos conhecimentos acerca desses dois caminhos de investigação. Não se trata, assim, de uma superação da razão em detrimento das sensações, como argumenta Sexto Empírico ao interpretar o proêmio alegoricamente, mas sim de um processo que visa a realizar em nós transformação semelhante àquela que ocorre ao κοῦπος:

O Poema pode ser compreendido como um texto exortativo, que tem por interesse causar um efeito no viajante, na audiência da Deusa, e na audiência externa. A audiência externa, que é estimulada a se identificar com um dos personagens, é afetada pela retórica interna, pelo retrato dos atos discursivos (Robbiano, 2006, p. 28).¹⁵

Apesar de Sexto Empírico, como um cético de seu tempo, ter bons argumentos para ler o texto com esse verniz alegórico, em algumas ocasiões ele parece deixar de lado elementos textuais que contradizem a predominância da razão e da verdade ao longo *Poema*. Isso talvez ocorra, para além do seu interesse em encontrar um bom critério para o conhecimento, por ele dispor de outro estabelecimento de texto. Ao final de sua citação dos 30 versos do proêmio, que encerra com um programa de ensino composto por dois conteúdos (verdade e opiniões), ele cita o que na edição *standard* é hoje considerado como o B7, onde deparamos uma ocorrência de *lógos* na forma dativa singular, no último verso desse fragmento: κρῖναι δὲ λόγῳ πολὺδην ἔλεγχον.

Segundo esse estabelecimento de texto, verdade e opiniões estariam dispostas de modo a apenas uma delas permanecer como necessária ao aprendizado do iniciado, enquanto a outra seria posta de lado, pelas razões previamente arroladas neste artigo. Seria aconselhável, seguindo essa abordagem, que o neófito dirimisse em seu raciocínio qual dessas duas vias de conhecimento deveria ser seguida, e para Sexto Empírico está muito claro que o jovem aprendiz escolheria a verdade em detrimento das opiniões, haja vista a afirmação de que há uma predominância do *lógos* sobre os sentidos.

É preciso esclarecer que o *lógos* representa, de fato, a capacidade de o humano raciocinar e, mais do que isso, dirimir entre o caminho mais apropriado de investigação para obtenção de um conhecimento perfeito, e o menos adequado, por ser esse último uma senda carente de confiança verdadeira. Esse mesmo *lógos* está associado ao *nóos*, que desempenha na

¹⁵ The Poem can be called an exhortative text, which is supposed to have an effect on the traveller, the internal audience of the goddess, and on the external audience. The external audience, who is spurred to identify with one of the characters, is affected by the internal rhetoric, by the ‘portrayed speech-acts’.

poesia parmenídea a função de pensar-enxergar¹⁶ a verdade, sendo um "sexto sentido", uma visão do ser que garante ao iniciado um estado de contemplação que dará a ele, ao final de sua viagem, uma perspectiva completa e insuperável acerca de tudo.¹⁷ Mas o pensamento noético, lógico-abstrato, não é o único existente no *Poema* de Parmênides, havendo, também, embora a maioria dos leitores não perceba esse detalhe crucial, um pensamento que se responsabiliza exclusivamente por pensar o mundo e as opiniões que circundam a cosmologia parmenídea: o pensamento frenético (órgão responsável por pensar as opiniões).¹⁸ Note-se que haverá uma predominância no *Poema* do pensar noético apenas quando se tratar da observação do ente e da verdade, mas não poderá existir esse mesmo domínio quando o assunto for o devir que acompanha os seres humanos e o próprio mundo por eles habitado. Nesta última região, a primazia será do frenesi que matiza e bem descreve as βροτῶν δόξας.

Entretanto, Sexto Empírico dá ênfase à verdade e ao *lógos*, antepondo-os às sensações e hierarquizando verdade e opiniões, pressupondo que a obtenção do conhecimento verdadeiro poderia assegurar uma superação dos sentidos, das aparências, e de tudo aquilo que é visto, desde então, como menosprezável: o erro, o engano e o equívoco que caracteriza e bem descreve a fala humana. Notem que, em Parmênides, o falar humano não se fundamentará na *alétheia* por ele reinventada, mas sim naquilo que a maior parte dos especialistas julgou ser desnecessário: as opiniões.¹⁹ Ainda que elas sejam, do ponto de vista daquilo que dão a conhecer, inferiores à verdade, isso não significa que elas devam ser lidas como se desnecessárias fossem, tampouco deveriam ser deixadas de lado de modo a valorizar apenas o *nóos*, a *alétheia* e o ente, em detrimento da *phrónesis*, das sensações e dos saberes delas derivados.

Sexto Empírico, fazendo uso dessa dicotomia entre os sentidos que devem ser superados e a verdade, comenta os dez primeiros versos do *Poema* de Parmênides, que narram o início de

¹⁶ “We must not interpret *noein* in the weak sense of ‘think of’ or ‘focus on’, since *noein* is always a sort of sixth sense implying that when one perceives something, one also realises the nature of the object one perceives” (Robbiano, 2006, p. 90).

¹⁷ É o sentido basilar da sentença de B8, 61. O iniciado é aquele que sabe (B1, 3), pois aprendeu acerca da verdade e das opiniões, sabendo utilizar cada um dos discursos, o verdadeiro e o opinativo.

¹⁸ Ver, por exemplo, o fragmento B16, 1-4, que nos apresenta *nóos* e *phrónesis* lado a lado, ainda que eles não sejam a mesma coisa no *Poema* e tampouco desempenham funções iguais. O que é interessante de analisar a partir desses versos é a quase que inseparabilidade do *nóos* da *phrónesis*, ainda que ambos estejam cindidos na medida em que o pensamento noético pensará a verdade e o ente, enquanto o pensamento frenético se responsabilizará pelas opiniões. Entretanto, para que isso se realize, isto é, para o que o iniciado possa enxergar através do *nóos* o ente e a verdade engenhados por Parmênides, é necessário que ele se desprenda, ao menos por alguns instantes, da *phrónesis* que modula o seu pensamento e sua forma de viver no mundo cotidianamente.

¹⁹ Kirk; Raven; Schofield, 1957, p. 284. Eles afirmam que a última seção do *Poema*, dedicada à cosmologia opinativa, é obscura e de pouca importância. Mourelatos, por sua vez, afirma que todo conteúdo das opiniões seria falso, sendo necessário que o neófito se converta à verdade para se livrar de toda falsidade gestada pela fala opinativa (Mourelatos, 1970, p. 211).

uma viagem que levará o jovem aprendiz em direção aos conhecimentos necessários e imprescindíveis para que ele obtenha uma nova perspectiva acerca da realidade cósmica, que será tratada pelas opiniões dos mortais; e da realidade do ente (τὸ ἔόν), assunto da seção intermediária do poema, cujo principal fragmento é B8, 1-49. A seguir, reproduzo esses versos inaugurais do proêmio:

Éguas que me conduzem, tão longe o ímpeto alcance,
acompanhavam-me, quando me levaram a adentrar um caminho múltíloquo
divindades, o qual por toda parte conduz o homem que sabe;
por ele era eu conduzido; pois por ele conduziam-me multiengenhosas
[éguas,
o carro puxando; meninas, contudo, o caminho apontavam.
O eixo nos meões estridulava,
incandescendo-se (pois movido por duas corupiantes
rodas de ambos os lados), enquanto se apressavam em acompanhar-me
as Heliades meninas, abandonando os domínios da Noite
para a Luz, retirando das cabeças, com as mãos, os véus.²⁰

Sexto Empírico interpreta as rodas da carroça que encaminham o neófito em direção à Deusa como uma analogia para os ouvidos, enquanto as moças que guiam e apontam o caminho investigativo são vistas como uma representação dos sentidos.²¹ Há um jogo de luz e sombras permeando o proêmio, e elas são vistas como algo a ser ultrapassado, deixadas de lado para que o neófito possa trilhar em direção ao conhecimento luminoso da verdade, pois é nela que há segurança epistemológica, enquanto que nas opiniões haveria apenas um discurso vago e pouco fiável. Esse contraste, onde a luz predomina, é também signo da dicotomia que ele estabelece para compreender o *Poema* de Parmênides: para ele, a luz é lugar de segurança, e as sombras são um espectro a ser abandonado, pois elas são o reflexo da inconfiabilidade dos sentidos. Não à toa ele afirmará, em determinada altura do seu comentário à citação que faz do proêmio que “this man himself, then, as is plain from his statements, proclaimed the cognitive reason to be the standard of truth in things existing and gave up paying attention to the senses”.²²

²⁰ B1, 1-10: “Ἴπποι ταί με φέρουσιν, ὅσον τ’ ἐπὶ θυμὸς ἰκάνοι, πέμπον, ἐπεὶ μ’ ἐς ὁδὸν βῆσαν πολύφημον ἄγουσαι/δαίμονος, ἣ κατὰ πάντ’ ἄσθη φέρει εἰδότα φῶτα/τῇ φερόμην· τῇ γάρ με πολύφραστοι φέρον ἵπποι/ἄρμα τιταίνουσαι, κοῦραι δ’ ὁδὸν ἡγεμόνευον./Ἀξων δ’ ἐν χνοίῃσιν ἴει σύριγγος αὐτὴν/αἰθόμενος - δοιοῖς γὰρ ἐπείγετο δινωτοῖσιν/κύκλοις ἀμφοτέρωθεν -, ὅτε σπερχοῖατο πέμπειν/Ἠλιάδες κοῦραι, προλιποῦσαι δώματα Νυκτός,/εἰς φάος, ὥσάμεναι κράτων ἅπο χερσὶ καλύπτρας. Tradução de Alexandre Costa.

²¹ “In these verses Parmenides means that the steeds which take him along are the irrational impulses and appetites of the soul, and that ‘the far-famed road of the Daemon’ they travel is that of investigation according to philosophical reason, which reason, like a Divine conductor, points the way to the knowledge of all things. And the damsels that lead him on are the senses, the reports of which he indicates in riddling wise by saying ‘it was furnish’d with a pair of well-rounded wheels,’ that is with those of the ears, by means of which they receive sound; and the acts of vision he calls ‘Sun-born damsels,’ which ‘leave the chambers of Darkness’ and ‘thrust into the light’ because it is impossible to make use of them without light” (*Against the logicians*, 112-113, 1-4).

²² “Este homem, ele mesmo, então, como fica claro em suas declarações, proclamou ser a razão cognitiva o padrão de verdade nas coisas existentes e desistiu de prestar atenção nos sentidos” (*Against the logicians*, 114. 12-15).

A pretensão que ele tem de dar à razão, à verdade, à luz, à *Dike*, um lugar de destaque, a respeito do qual toda uma tradição interpretativa do *Poema* de Parmênides se nutrirá, deve ser vista com um pouco mais de cuidado. É importante ressaltar que Sexto Empírico não analisa todos os usos vocabulares que são feitos pelo Eleata, e em que medida esses vocábulos modificariam o sentido da sua própria interpretação. O fato, por exemplo, de ele atribuir ao λόγος e à verdade um grau de superioridade, ignorando completamente os sentidos e as opiniões, revela em larga medida essas lacunas deixadas por ele mesmo ao ler o proêmio.

O proêmio possui diversos elementos que caracterizam um percurso de iniciação reservado a poucos: o carro encaminha o homem que sabe εἰδότες φῶτα (*eidóta phóta*) em direção às duas sendas de investigação a respeito das quais ele precisará seguir e aprender delas os conteúdos necessários para que o seu propósito se cumpra. Ele aprenderá, de um lado, sobre a verdade, sobre o ente e os muitos signos que lhe são atribuídos (B8, 1-49); e de outro, a respeito das opiniões dos mortais, onde não há confiança verdadeira (B1, 30). Esse é o programa de aprendizado disposto no *Poema*, restrito apenas ao neófito que será admoestado, ao longo de sua viagem por esses caminhos, pela Deusa inominada.

Há um simbolismo religioso neste começo do *Poema* que não podemos perder de vista, uma vez que ele é muito significativo para entendermos o porquê de a verdade e o ente serem assuntos extraordinários na poesia parmenídea, ou seja, que por ultrapassarem a ordem comum e ordinária da linguagem corrente, opinativa e mundana, só podem ser revelados mediante iniciação, principal motivo pelo qual eles estão reservados apenas àquele que se inicia.

Essa afirmação não surge de uma reflexão disparatada ou distanciada do texto, mas de uma leitura que tenta se aproximar daquilo que me parece ter sido a preocupação parmenídea ao escrever o seu *Poema*, ou seja, a de fundamentar um conhecimento seguro, a despeito da falibilidade das opiniões. O Eleata parece ter solucionado esse dilema ao formular uma concepção de verdade que se ampara bastante no legado religioso que o precede, sendo ela, portanto, uma novidade à época, e não um dado comum e evidente da realidade. A verdade não será encontrada no mundo equivocado-errante das opiniões, domínio onde o pensamento dúbio dos mortais é predominante, assim como as sensações e o que delas advém. Ela só poderá ser vista, enquanto um discurso autorreferencial indiferente ao próprio mundo, mediante o acolhimento de uma Deusa disposta a revelá-la.

Nesse sentido, há uma diferença entre as opiniões e a verdade para além das dicotomias comumente impostas ao texto parmenídeo, a saber: o discurso opinativo, caracterizado corretamente como pouco confiável e derivado das particularizações errantes do pensamento dos mortais (B6, 5-9), se encontra no mundo de um modo ordinário, pois ele reflete a nossa fala

corrente, sendo a função dele o de dar nome às coisas (B8, 38-39 e B19, 1-3), enquanto que a verdade estaria em um lugar distanciado de todas as palavras que nomeiam o *kósmos*. Evoco, para enfatizar essa diferença entre verdade e opiniões, uma passagem da tese de doutorado de Alexandre Costa:

A verdade em Parmênides – e é este o seu primeiro capítulo filosófico, que se não o esqueça, para que não se incorra no hábito de ler o poema anacronicamente, projetando a posição platônica sobre a relação sensível-inteligível no poema parmenídico, relação de resto que a meu ver ignora que Parmênides realiza precisamente o gesto contrário, o da incisão, isto é, o de afirmar a mais absoluta não-relação entre o puramente conceitual e o sensível, possibilidade única de pensar consoante o modo da verdade – nem de leve toca a realidade sensível; não é, pois, um discurso sobre ‘as coisas’, sobre o ‘mundo’ ou como se queira chamá-lo, mas sobre si mesma, a verdade sobre a verdade, daí a insistência na questão da identidade, a insistência no *tò autó*, na tautologia como artifício do discurso, pelo que o ente é exclusivamente conceitual e auto-referente; pensamento sobre pensamento, eis o tecido e as camadas de que se compõe e, também, toda a sua ‘carne’ possível.²³

Esse modo de ler o *Poema* de Parmênides, porém, encontra muitos ruídos, pois o que significa dizer que não há verdade no *kósmos*? Verdades há muitas, mas não esta concebida pelo Eleata. É preciso reconhecer, antes de tudo, que a concepção de verdade parmenídea não é igual à nossa. Para nós, dizer a verdade é adequar um determinado discurso a uma realidade. Entretanto, a verdade parmenídea, anterior à nossa concepção de verdade, seria, nas palavras de Alexandre Costa, esse discurso capaz de plena abstração, apartado do mundo, porque no mundo prevalece tudo aquilo que contradiz a *alétheia* de Parmênides: movimento, carência de confiabilidade verdadeira, nascimento e morte etc. A sua *alétheia*, portanto, não pode ser vista no mundo, sendo ele o reflexo, em vários sentidos, das opiniões dos mortais; e ela, por sua vez, só aparecerá através de um percurso de iniciação permeado de signos religiosos que a fluidez mundana não é capaz de suportar.

Isso nos auxilia a compreender melhor os problemas concernentes à interpretação alegórica de Sexto Empírico, que se por um lado acerta ao afirmar que a viagem do iniciado parte de um ponto onde as sombras vigoram e se encaminha para um lugar onde a luz é predominante, por outro ignora uma série de detalhes que estremecem a afirmação de que Parmênides teria colocado de lado os sentidos em nome da razão. Vejamos o que está dito ao final do próêmio:

Necessário é, porém, que de tudo te instruas,
tanto da verdade bem persuasiva o inabalável coração,

²³ Costa, 2010, p. 61-62.

como das opiniões dos mortais, em que não há confiança verdadeira. Mas ainda assim também isto aprenderás, **como as opiniões necessitam (χρῆν) opinativamente ser, tudo através de tudo perpassando**²⁴ (B1, 28-31).

Um dos principais motivos pelos quais a maioria dos intérpretes, desde Sexto Empírico, se veem autorizados a deixar de lado as opiniões em nome da verdade, está posto nesse passo final do proêmio. A depender de como se leia o χρῆν (*chrên*) do verso 31, o conteúdo das opiniões é colocado de lado ao longo da iniciação do neófito, com a justificativa de que elas não seriam mais necessárias após ele ter aprendido a respeito da verdade. Essa, inclusive, é a pergunta que atravessou a obra de vários intérpretes na recepção contemporânea do *Poema*: qual seria o sentido de se aprender a respeito de algo que é enganoso (*apatelón*), se o jovem aprendiz já conheceu a verdade? A solução proposta por Alexandre Costa, um dos poucos autores, para além de José Trindade dos Santos²⁵, a traduzir esse χρῆν com valor de presente, compreende que as opiniões é que são necessárias, e não a verdade.²⁶

A pergunta pelo porquê de o iniciado ter que aprender a respeito das opiniões, cujas características são criticadas pela Deusa em B6, 5-9 por elas serem um equívoco do pensamento-errante (*planktòn nóon*) dos mortais, parece surgir da incompreensão do programa de aprendizado que o neófito precisa seguir: é necessário que ele se instrua a respeito de tudo, mesmo daquilo que é considerado um equívoco, ou um engano. Além disso, optar por ler a verdade como necessária e não as opiniões é uma solução interpretativa que reflete o modo, chamarei aqui de tradicional, de se interpretar o Poema de Parmênides: tal como Sexto Empírico, a maioria dos intérpretes julga que a verdade é que deve ser preservada, uma vez que ela seria superior em todos os aspectos se comparada às opiniões dos mortais. E os sentidos deveriam, por sua vez, ser colocados de lado em nome do saber verdadeiro.

Todavia, todas essas afirmações deixam de lado dois aspectos centrais no *Poema* do Eleata: (i) a verdade não se encontra nos equívocos mundanos, domínio regido pelas opiniões dos mortais, e é justamente por esse motivo que, se o critério de conhecimento²⁷ for conhecer o mundo, elas são superiores e mais necessárias que a verdade simplesmente porque inevitáveis; (ii) as opiniões continuam sendo necessárias, mesmo após o iniciado ter conhecido a verdade,

²⁴ B1, 28-31: *χρεὼ δέ σε πάντα πυθέσθαι/ἡμὲν ἀληθεῖς εὐπειθέος ἀτρεμέες ἦτορ/ἡδὲ βροτῶν δόξας, ταῖς οὐκ ἐνὶ πίστις ἀληθείς./ἀλλ' ἔμπης καὶ ταῦτα ματήσῃς, ὥς τὰ δοκοῦντα/χρῆν δοκίμως εἶναι διὰ παντὸς πάντα περῶντα.* Tradução de Alexandre Costa.

²⁵ Na tradução de José Trindade: “mas também isso aprenderás: como as aparências/**têm de aparentemente ser**, passando todas através de tudo”. Sobre a decisão tomada por Costa de traduzir o χρῆν no presente do indicativo, cf. Costa, 2010, p. 140, nota 337.

²⁶ A verdade, no *Poema* de Parmênides, será, como aludi em diversas ocasiões deste trabalho, uma *possibilidade* do pensamento noético.

²⁷ A respeito do critério de conhecimento no Poema de Parmênides, cf. Costa, 2010, p. 12-14.

pois elas são a fala corrente e ordinária dos mortais, não havendo, não em Parmênides, uma conciliação possível entre verdade e opiniões.

Destarte, haveria uma separação inevitável e inconciliável entre verdade e opiniões no *Poema* de Parmênides. De um lado, há uma verdade que só pode ser aprendida mediante iniciação e que possui os mesmos predicados do ente (B8, 1-49), o que confere a ela um lugar reservado e distanciado do *kósmos*; de outro, as opiniões dos mortais, cujos conteúdos discursivos refletem e fazem eco às confusões causadas pelo despreparo (*amechaníé*) (B6, 5) que guia o peito e o pensamento deles. É importante notar que a Deusa critica severamente as opiniões, mas isso não quer dizer que elas devam ser lidas como se desnecessárias fossem, já que, como há pouco afirmei, não existe assunto que elas compreendam melhor que o mundo habitado pelos mortais.

A crítica que ela faz às opiniões consiste em revelar a origem do problema inerente ao discurso que elas geram. Elas são o discurso proveniente da fala dos mortais, esses que são descritos por ela ao longo de B6 como seres de dupla-cabeça (*dikranoî*) e de pensamento errante (*planktòn nóon*). São eles os responsáveis por atribuir, equivocadamente e movidos pela *errância*, nomes às coisas mundanas (B8, 38-39; B9, 1; e B19, 1-3). Os nomes que eles dão a essas coisas carecem de confiança verdadeira (*pístis alethés*), e é esse um dos motivos que levam a Deusa a criticá-los, pois eles surgem de uma *amechaníe* cognitiva dos mortais, o que os faz confundir ente e não-ente, verdade e opiniões, sendo sempre levados a continuar andando em círculos, independentemente de qual seja o ponto de partida tomado.

É interessante observar que, nessa crítica, a Deusa reconhece que as opiniões possuem problemas, mas ainda assim ela demonstra não ser possível recusá-las em nome da verdade, sob o critério do conhecimento do mundo, pois apesar de o destino desejado pelo filósofo ser o da segurança epistemológica e o da imobilidade, isto é, um lugar onde os equívocos não se façam presentes, o destino dos mortais é o da presença quase que intransponível desses mesmos equívocos e confusões causadas pela linguagem. Percebendo esse detalhe, ela afirma que as opiniões continuarão sendo necessárias, mesmo após o iniciado ter recebido o aprendizado da verdade, na medida em que são elas que ensinam a respeito de como o *kósmos* dos humanos, e também o das palavras, se organiza e (des)ordena.

Além disso, as opiniões refletem o modo pelo qual a maioria dos mortais se relaciona com o mundo, estando nele de uma forma *errante*, andando para lá e para cá sem rumo, perdidos nas próprias convicções acerca de todas as coisas que o perfazem. Algumas dessas opiniões são questionáveis e devem ser criticadas, pois nem todas são passíveis de aceitação em um *kósmos* minimamente organizado. Outras opiniões, entretanto, continuam regendo o movimento dos

humanos no mundo e o modo como eles nomeiam a realidade, sendo esses nomes uma tentativa, ainda que distanciada da verdade, o melhor que a linguagem deles pode dar ao *kósmos*.

Esse modo de ler as opiniões encontra alguns adeptos na história da recepção do Eleata. Para Guthrie²⁸, por exemplo, elas seriam a melhor maneira de conhecermos o mundo, e o melhor que os mortais, com sua falta de preparo e um pensamento errante puderam apresentar como sistema cosmológico, revelando a nós “o espetáculo enganador” em que vivemos. As opiniões seriam, então, o máximo de aperfeiçoamento possível da linguagem ordinária dos mortais, e o que há de melhor nelas sobreviveu como ato de nomeação aos astros celestes, aos fenômenos físicos, ao sexo, e a tudo aquilo que pertence ao mundo dos mortais. Não à toa a última seção se dedica a ensinar ao jovem iniciado assuntos cosmológicos:

Conhecerás (εἶση) a natureza do Éter e que no Éter tudo
são sinais (πάντα σήματα)
e do Sol bem resplandescente, límpida
lâmpada, os efeitos invisíveis e de onde vieram a ser.
Os efeitos circulares aprenderás da ciclópica lua
e sua natureza; conhecerás (εἰδήσεις) também o Céu todo abrangente,
de onde surgiu e como, conduzindo-o, Necessidade forçou-o a manter os
limites dos astros (B10, 1-7).

Nesse sentido, retornando à distinção entre verdade e opiniões no Poema de Parmênides, é preciso compreender todas essas nuances e ler o texto parmenídeo de acordo com os signos religiosos que conferem à verdade a sua excepcionalidade e abstração, e as opiniões com a lente de quem, tal como os mortais descritos nos versos parmenídeos, também opina, se equivoca, se perde e, além de tudo, *erra*. Afinal, enquanto seres humanos que habitam o mundo, opinar, errar e ser afetado pelas sensações é o nosso lugar comum.

A alegoria de Sexto Empírico nos convida a repensar o lugar da verdade e o das opiniões no Poema de Parmênides, e com auxílio de um olhar crítico, somos levados à conclusão de que não há, no próprio texto do Eleata, uma superioridade da verdade em todos os aspectos, em detrimento dos sentidos e das opiniões. O que há, porém, é o reconhecimento de que a verdade seria, sim, superior às opiniões apenas no âmbito da realização de um saber perfeito, imóvel, inquebrantável e concomitantemente, distante do *kósmos*, ao passo que as opiniões e o mundo por elas nomeado seriam a nossa fala corrente e os nomes que atribuímos às coisas mundanas. Por conseguinte, para que se saiba habitá-lo, é necessário se instruir acerca de tudo, tanto delas, como da verdade e do ente, não hierarquizando os saberes como fizera Sexto Empírico, mas colocando cada um deles no seu devido lugar.

²⁸ Guthrie, 1969, p. 5.

Conclusão

O percurso que nos trouxe até aqui nos permite estabelecer algumas conclusões preliminares a respeito do modo como a interpretação de Sexto Empírico influenciou a maneira de lermos o *Poema* de Parmênides, ou seja, atribuindo maior valor à verdade e à razão, em detrimento dos sentidos, das opiniões, dos equívocos e da *errância* que confere significado não apenas à fala opinativa, mas à vida humana como um todo. Salientei que muito disso se deve à leitura que ele faz do próêmio do Eleata, associando a verdade ao *lógos*, e as opiniões aos sentidos, recusando-os por eles serem inconfiáveis em relação ao conhecimento verdadeiro gestado na poesia parmenídea. Essa forma de interpretá-lo, por sua vez, encontra uma série de dificuldades para se sustentar, haja vista o fato de Parmênides estabelecer uma hierarquia entre verdade e opiniões apenas do ponto de vista do critério de conhecimento, como também chamei atenção no decorrer deste trabalho.

Ademais, vimos que pensar, ou ver a verdade, não cabe a todos os mortais, mas apenas ao iniciado, uma vez que somente mediante o processo de iniciação pelas rotas do conhecimento (verdade e opiniões) poder-se-ia conhecê-la, enquanto que as opiniões estão dadas no *kósmos* e são a fala corrente dos seres humanos, inclusive a nossa, que também é opinativa.

Nesse sentido, a viagem do jovem iniciado o encaminhou ao domínio da luminescência e da verdade, mas é na cosmologia, onde luz e sombra estão misturadas, que ele aprende acerca de como o mundo é, de que modo a linguagem opinativa opera, e por quais motivos é necessário que ele domine bem o saber contido nas opiniões, para que ele possa, inclusive, superá-las (quando possível e se for necessário), na medida em que nem todas elas podem ser aceitas, apenas aquelas mais bem aperfeiçoadas. Por conseguinte, ainda que a verdade seja o lugar da segurança, é ao mundo equivocado das opiniões que o iniciado, após todo aprendizado recebido da Deusa, retorna “de novo e de novo” (B5).

Referências

COSTA, A. Como e por que sobrevivem os pré-socráticos? *Revista filosófica de Coimbra*, v. 11, n. 21 p. 163-178, 2002.

_____. *Sobre a verdade e as opiniões: o Poema de Parmênides e a incisão entre ser e devir*. 2010, 172 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Rio de Janeiro, 2010.

EMPIRICUS, Sextus. *Against the logicians*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Outlines of pyrrhonism*. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

GUTHRIE, W. K. C. *A History of Greek Philosophy: the presocratic tradition from Parmenides to Democritus*. New York: Cambridge University Press, 1965.

KIRK, G.; RAVEN, J.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

KURFESS, C. J. *Restoring Parmenides' Poem: essays toward a new arrangement of the fragments based on the original sources*. 2012, 210 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of Pittsburgh, Graduate Faculty of The Dietrich School of Arts and Sciences, Pensilvânia, 2012.

MOURELATOS, A. P. D. *The route of Parmenides*. New Haven/London: Yale University Press, 1970.

NIETZSCHE, F. *A filosofia na era trágica dos gregos*. Lisboa: Edições 70, 1987.

PARMÊNIDES. *Da natureza*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009.

ROBBIANO, C. *Becoming being – on Parmenides' transformative philosophy*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2006.

ROSSETTI, L. *Introdução à filosofia antiga – premissas filológicas e outras ferramentas de trabalho*. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTOS, J. T. *Da natureza - Parmênides*. São Paulo: Loyola, 2013.

TOR, S. *Mortal and Divine in Early Greek Epistemology – a study of Hesiod, Xenophanes and Parmenides*. New York: Cambridge University Press, 2017.